

Falhou tudo o que podia falhar?

Author(s):

[Francisco Louçã](#) ^[1]

Show Author Info?:

0

Para os portugueses, a independência de Timor foi, no virar do século, uma confirmação do 25 de Abril, da sua radicalidade e da sua generosidade. Para os timorenses, parecia ser o fim de um pesadelo aterrador. Nos antípodas, a ponte entre as ruas de Lisboa e Porto e as de Díli criou uma lenda.

Essa lenda tinha algumas condições para vir a ser realidade. Um movimento de libertação que juntava os melhores, uma grande unanimidade no referendo pró-independência, o apoio internacional tão unânime quanto antes tinha sido a cumplicidade com a ocupação indonésia ? a China, a URSS e os Estados Unidos ao lado dos generais facínoras de Jacarta ? e o apoio da ONU, a descoberta de petróleo nos mares nacionais, parecia haver tudo para que o novo regime conseguisse criar uma democracia e garantir a independência. A lenda parecia ter condições. No entanto, está a morrer.

Sete anos depois

Sete anos depois da decisão da independência, os tumultos em Díli provocaram a fuga massiva da população para as aldeias das montanhas. O regime desagregou-se e um golpe palaciano, dirigido pelo Presidente e por um dos ministros e homem de confiança da Austrália, Ramos Horta, conseguiu o primeiro objectivo, a demissão do primeiro-ministro Mari Alkatiri. Agora, Ramos Horta, o ministro que todos os dias desmentia o seu governo e que agora dirige o governo de gestão de que aliás se tinha demitido estrondosamente, tem um objectivo principal: condicionar a preparação das próximas eleições presidenciais e legislativas.

Este não é o primeiro confronto que abala o regime, mas é certamente o mais grave. A primeira ofensiva tinha sido dirigida no ano passado pela Igreja Católica, recusando o ensino laico. A Fretilin e os seu governo tinham resistido, demonstrado um grande apoio popular, e vencido.

No entanto, perante a mais recente ofensiva concertada de todas as forças conservadoras, Alkatiri ficou paralizado e a resposta da Fretilin, mobilizando os seus apoiantes para a maior manifestação destas semanas, foi tardia. É evidente que Alkatiri escolheu o caminho do não confronto com o Presidente Xanana, que desprezou a Constituição para impor a sua vontade. Alkatiri tinha pedido a presença da GNR num esforço desesperado para equilibrar o balanço das alianças, mas logo a Austrália exigiu o comando operacional sobre todas as tropas estrangeiras, e é o que de facto conseguiu dada a sua superioridade no terreno.

Olhando para trás, verifica-se que a ofensiva conservadora foi desencadeada imediatamente após a decisão do governo Alkatiri sobre o concurso aos novos poços de petróleo, que

excluiu a Austrália. Três dias depois, os tumultos incendiavam Díli e as tropas australianas já tinham desembarcado em Timor. Alkatiri passou a ser acusado na TV australiana (vd. *Dossier* neste portal) de ser ?terrorista? e ?ladrão? ? a Austrália e a Casa Branca não esquecem quem não apoiou a guerra do Iraque, e não esquecem quem os apoiou como Ramos Horta. O governo australiano encarregou-se de deixar muito claro ao que vinha e o que quer.

O que falhou?

Durante estes anos, Timor recebeu muitos apoios. Nenhum deles respondia ao essencial. Era preciso apoio económico para viabilizar o ensino qualificado e para o desenvolvimento. Era preciso criar emprego para a maioria da população e desenvolver uma economia viável. Era preciso autonomia face aos poderosos poderes regionais ? Indonésia e sobretudo Austrália. Tudo o que era preciso falhou. E os únicos progressos foram conseguidos pelo governo Alkatiri, ao impor a renegociação do acordo petrolífero e ao resistir à proposta de criação de uma base militar australiana no seu território.

Por isso, Timor tem agora a alternativa dramática entre resistir e garantir a sua independência ou transformar-se num protectorado australiano. Já não há lugar para uma lenda entusiasmante acerca de um país onde tudo poderia correr bem.

Depois da lenda, a realidade dos campos que se definiram nas últimas semanas não deixa dúvidas: a maioria da população está onde não estão os projectos dos vencedores. Se a democracia perder, é a independência que se perde.

Sumário da Home:

Timor falhou? O regime está a desagregar-se com o confronto entre o Presidente Xanana e o ex-primeiro-ministro Alkatiri, e sendo a guerra civil ainda uma ameaça, a população de Díli fugiu para as aldeias das montanhas e não regressou, antecipando o pior. Para já, triunfou o golpe palaciano que levou Ramos Horta ao controlo do governo, procurando agora o controlo político que condicionará as eleições. A Igreja Católica, o Presidente, todos os aliados do poder imperial da Austrália, clamam para já vantagem - e têm-na de facto. Se vencerem, será a independência de Timor que falhará.

Lead:

Timor falhou? O regime está a desagregar-se com o confronto entre o Presidente Xanana e o ex-primeiro-ministro Alkatiri, e sendo a guerra civil ainda uma ameaça, a população de Díli fugiu para as aldeias das montanhas e não regressou, antecipando o pior. Para já, triunfou o golpe palaciano que levou Ramos Horta ao controlo do governo, procurando agora o controlo político que condicionará as eleições. A Igreja Católica, o Presidente, todos os aliados do poder imperial da Austrália, clamam para já vantagem - e têm-na de facto. Se vencerem, será a independência de Timor que falhará.

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)

- Ficha Técnica

Source URL: <http://www.esquerda.net/en/node/12345>

Links:

[1] <http://www.esquerda.net/en/node/273>